

A sistematização da atenção ao dependente químico no âmbito organizacional e seus desafios: experiência de uma empresa pública em Juiz de Fora

Rodrigo André Caetano Teixeira¹; Giselle Alves Gonçalves²; Edna de Medeiros³; Mariana Moreira Rodrigues⁴; Patrícia Teixeira Groppo de Oliveira⁵; Raphaela Souza Oliveira⁶

1. Discente do curso de Psicologia da UFJF; 2. Psicóloga pelo CES/JF; 3. Assistente Social pela UFJF, Especialista em Saúde Mental; 4. Discente do curso de Serviço Social da UFJF; 5. Assistente Social pela UFJF Especialista em Pesquisa e Política de Saúde coletiva; 6. Discente do curso de Serviço Social da UFJF.

Palavras-chave: Alcoolismo, dependência química na empresa, saúde do trabalhador

Resumo:

Segundo o Ministério da Saúde, o alcoolismo é uma doença crônica, com aspectos comportamentais e socioeconômicos, caracterizada pelo consumo compulsivo de álcool, na qual o usuário se torna progressivamente tolerante à intoxicação produzida pela droga e, quando a mesma é retirada, desenvolve sinais e sintomas de abstinência. No mundo, tal doença preocupa os sistemas de saúde, estimando-se o número de dependentes entre 10% e 15% da população mundial.

Moraes e Pilatti (2004) afirmam que o álcool se inseriu no mundo do trabalho nos séculos XVII e XVIII, quando os patrões incentivavam os trabalhadores a fazerem uso da substância para aumentar a produção e se submeterem as péssimas condições de trabalho da época. Com a revolução industrial no século XIX, tal cenário muda, pois a organização do trabalho se modifica radicalmente. Era preciso, cada vez mais, que os trabalhadores fossem pontuais, realizassem suas tarefas com a máxima atenção e cumprissem exatamente sua rotina de trabalho, exigências impossíveis para uma pessoa alcoolizada pois, segundo Santos e Medeiros (2006), o consumo do álcool gera absenteísmo, presentéismo e mudanças nos hábitos pessoais.

Atualmente, dois séculos após a revolução industrial, o álcool ainda é um problema na realidade de muitas empresas, se configurando, no Brasil, como a terceira causa para faltas e o motivo mais freqüente de acidentes de trabalho (Vaissman, 2004). Não obstante, ainda tem

como conseqüências no trabalho atrasos, queda de produtividade, conflitos com colegas e desperdícios de materiais (Vaissman, 2004; Santos & Medeiros, 2006).

Como estratégia de enfrentamento ao uso de risco, abuso e dependência de álcool e outras drogas foi criado um trabalho de prevenção e acompanhamento por meio do Grupo de Apoio à Saúde (GAS), que desde 2004 sistematiza o trabalho que já vinha sendo desenvolvido pela empresa.

O GAS é responsável por pensar e implementar as estratégias de enfrentamento, identificar as particularidades da dependência química na empresa, bem como promover trabalhos preventivos através de campanhas educativas. A partir dos debates e ações desenvolvidos no Grupo, a equipe técnica de saúde faz as intervenções individuais com os trabalhadores que têm problemas no trabalho relacionados ao uso de substância psicoativa, cuja finalidade é sensibilizar e apontar caminhos para o tratamento.

Com a sistematização do trabalho através do GAS, percebemos uma maior efetividade das ações, principalmente, quando observamos o reconhecimento da dependência química como uma doença que merece uma intervenção qualificada. Além da sistematização, são fatores que corroboram para maior efetividade das ações: a) formação colegiada do GAS, onde temos vozes da equipe de saúde e dos trabalhadores; b) atuação voltada para o fortalecimento da cidadania; c) legitimidade do trabalho do GAS na empresa; d) capacitação continuada dos membros do GAS.

Apesar dos resultados positivos que o grupo vem alcançando, percebemos que isso se dá num processo de avanços e retrocessos. Todas as conquistas do grupo também são permeadas por desafios, tais como: a) dificuldades da interlocução entre o trabalho e a postura das chefias; b) a própria cultura do uso do álcool, principalmente entre a população masculina; c) dificuldades e fragilidades da rede de atendimento na questão de álcool e drogas; d) resistência a mudanças e persistência de posturas conservadoras e velhos paradigmas relacionados à dependência química.

Como possibilidades de enfrentamento a tais desafios, vislumbramos como alternativas: o fortalecimento da conscientização e prevenção; continuidade da capacitação da equipe de trabalho; a perspectiva da redução de danos como um novo direcionamento da abordagem ao uso de risco/ abusivo ou dependência e a participação ativa nas discussões da política pública relacionada a álcool e drogas.

Contudo, percebe-se que esse é um trabalho complexo que envolve diversos fatores e que não deve ser tratado apenas a nível individual, mas no coletivo, no social, com ações voltadas para a saúde do trabalhador numa visão especialmente preventiva. Tal visão

certamente é de grande importância para as organizações preocupadas com a saúde de seus trabalhadores e com o bom desempenho de suas atividades.

BIBLIOGRAFIA

Barros, D. R.; Carvalho, E. A. B. de; Almeida, M. R. de; Rodrigues, C. A. (2007) *Alcoolismo no contexto organizacional: uma revisão bibliográfica*. Psicologia & foco, Aracaju, Faculdade Pio Décimo, v. 2, n. 1, jan./jun. 2009;

Brasil. Ministério da Saúde (n.d.) Disponível em:
<http://portal.saude.gov.br/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=557>

Karam, H., *O sujeito entre a alcoolização e a cidadania: perspectiva clínica do trabalho*, Rev. Psiquiatr. Rio Grande do Sul, vol.25, no.3, Porto Alegre, Dec. 2003;

Michel, O. R., *Alcoolismo e drogas de abuso: problemas ocupacionais e sociais: a realidade do trabalhador brasileiro*, Rio de Janeiro: Revinter, 2000;

Moraes, G. T. B, & Pilatti, L. A., *Alcoolismo e as Organizações: por que investir em Programas de Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos*. ENEGEP 2004 ABEPRO;

Vaissman, M., *Alcoolismo no trabalho*, Editora Fiocruz e Garamond, 2004.